

**“CINCO MILHÕES DE CORAÇÕES”:
LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA E A EDIÇÃO NO SÉCULO XX**

Ana Elisa Ribeiro¹

RESUMO: A atuação relevante da escritora mineira Lúcia Machado de Almeida é o foco deste trabalho. A discussão aqui proposta trata de aspectos editoriais e de gênero que estão imbricados no arquivamento, no apagamento ou na memória desta importante escritora brasileira, amplamente reconhecida e legitimada especialmente por sua obra dirigida ao público infantil e juvenil. A pesquisa que deu origem a este trabalho vem sendo executada no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. Os documentos analisados foram os que compõem o corpo de correspondência ativa e passiva de Lúcia Machado de Almeida, sob a guarda da instituição. Complementarmente, foi feita uma entrevista com o editor da série Vaga-lume, espaço de publicação dos mais conhecidos livros de LMA.

PALAVRAS-CHAVES: Edição; Literatura brasileira contemporânea; Arquivo; Lúcia Machado de Almeida; Coleção Vaga-Lume.

ABSTRACT: This paper focuses the relevant activities of Lúcia Machado de Almeida – an important writer from Minas Gerais, Brazil. It was proposed here an editorial and gender based discussion that are imbricated in the filing or deletion of this important Brazilian writer, widely recognized and legitimized especially for her work addressed to young people and children. The research that led us to this work has been performed on the Acervo de Escritores Mineiros at Minas Gerais Federal University. There was analyzed documents and letters sended and received by Lúcia Machado de Almeida, under the care of that institution. In addition, it is presented here an interview with the editor of a famous Brazilian book series – Vaga-lume, publishing collection of LMA best known books.

KEYWORDS: Publishing; Contemporary brazilian literature; Archive; Lúcia Machado de Almeida; Vaga-Lume book collection.

Considerações iniciais

“Quando me acho escrevendo um livro, não sei antes para que faixa de leitores ele se destina. Só depois que ele nasce, como um filho que saiu de mim, é que percebo seu endereço.”

Lúcia Machado de Almeida
Depoimento para a professora
Lina Del Pino, de Brasília
Acervo de Escritores Mineiros

¹Doutora em Linguística, com pesquisa de pós-doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no Acervo de Escritores Mineiros. Professora e pesquisadora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (Linha 4: Edição, linguagem e tecnologia). anadigital@gmail.com

Este trabalho é resultado de um projeto de pesquisa pós-doutoral² no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (Pós-Lit UFMG), que tem como uma de suas frentes o Centro de Estudos Literários e Culturais (CELC), sob o qual funciona o Acervo de Escritores Mineiros (AEM)³, localizado na Biblioteca Central do campus Pampulha, em Belo Horizonte. O AEM é não apenas um espaço de biblioteca e documentação de escritores mineiros, mas um centro de memória aberto à pesquisa. Reinaldo Marques (2015) faz questão de reiterar a característica híbrida desse espaço, apontado como museu, arquivo, coleção e centro de pesquisa.

Apliquei meus esforços na investigação da correspondência das únicas três mulheres ali arquivadas: Lúcia Machado de Almeida, Henriqueta Lisboa e Laís Corrêa de Araújo. Frisar que são apenas três é fundamental para a compreensão de meu olhar como pesquisadora do Celc, sob a orientação da doutora Constância Lima Duarte, reconhecida por seu trabalho com mulheres escritoras, especialmente as anarquivadas (DUARTE, 2009; DUARTE; PAIVA, 2009; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2010).

Desse ponto de vista, ataquei as questões mais óbvias, já que me dediquei às três escritoras que tiveram espaço no arquivo e em um centro de memória tão importante. Muitas outras escritoras não tiveram e, infelizmente, não terão o mesmo destino. No entanto, minhas considerações serão feitas sob o ângulo da edição, isto é, dos mecanismos de legitimação, circulação e resguardo da produção editorial dessas mulheres. Estou menos interessada em suas qualidades literárias, em poesia ou prosa, do que, propriamente, em suas vivências, persistências, insistências, manobras e militâncias para se tornarem escritoras, publicadas e, mercidamente, arquivadas após uma vida de dedicação à literatura.

O apagamento da escritora é mais provável do que o do escritor. Uma das razões disso ainda é a proporção com que escritoras se tornam publicadas, conhecidas, mas, principalmente, respeitadas, em um universo ainda hegemonicamente masculino. Para manter-se na memória coletiva, muitos elementos são necessários, separada ou simultaneamente, sendo difícil isolar características desse processo altamente complexo.

² Agradeço a receptividade do Pós-Lit e da profa. Dra. Constância Lima Duarte ao meu projeto; ao CEFET-MG/Deltec pela licença para capacitação; ao prof. Dr. Reinaldo Marques pela generosidade em responder às nossas questões; e aos funcionários do AEM pelo carinho com que nos tratam e às nossas pesquisas.

³ Para saber mais, ver o site <<https://www.ufmg.br/aem/inicial/acervo.htm>>. Além das autoras aqui mencionadas, o AEM guarda também uma pequena coleção de Ana Hatherly.

Editoras, escolas, compras governamentais, prêmios, eventos, mídia/imprensa (suplementos, revistas, resenhas, programas de TV), assim como legiões de leitores atentos são ingredientes da construção de um escritor conhecido e, talvez, legitimado.

Neste texto, minha intenção é a aproximação de alguma parcela da história editorial de Lúcia Machado de Almeida, para o que servi-me da leitura de sua correspondência ativa e passiva, além de uma breve entrevista com o editor da série Vaga-Lume, Jiro Takahashi, na qual Lúcia publicou alguns de seus mais conhecidos – e lembrados – textos infanto-juvenis. Com base nas cartas, levanto algumas questões sobre o papel dessa escritora ontem e hoje, embora eu a considere, atualmente, insuficientemente lembrada e celebrada.

Lúcia Machado de Almeida, autora de livros infanto-juvenis

Lúcia Machado de Almeida é mineira de São José da Lapa, nascida na Fazenda Nova Granja, em 1910. Viveu em Belo Horizonte, com passagens pelo Rio de Janeiro e algumas cidades no exterior. Pertenceu a uma família de intelectuais, a exemplo de seu irmão também escritor, Aníbal Machado⁴. Casou-se com Antônio Joaquim de Almeida, irmão do poeta Guilherme de Almeida. Ela e o marido dedicaram-se a diversas atividades culturais que incluíram a criação do Museu do Ouro, em Sabará.

Aos 14 anos, Lúcia Machado de Almeida publicou um poema, “Desencanto”, no jornal Estado de Minas, isto é, em 1924. Poucos anos depois, publicou seu primeiro livro, dando início a uma bem-sucedida carreira de escritora. Recebeu prêmios, teve o reconhecimento de muitas instituições, no Brasil e no exterior. Faleceu aos 94 anos, na cidade de Indaiatuba, São Paulo. Segundo uma cronologia escrita e revisada por ela mesma, consta que sua publicação inicial tenha sido em 1943, em uma revista denominada “Criança”, mas também, nesse ano, seu primeiro contrato de edição, na editora Melhoramentos, com o livro “No fundo do mar”. Foram diversas as reedições dessa obra, segundo a autora: ainda com a Melhoramentos, em 1948 e 1949, e com a editora Brasiliense, em 1960.

Seu livro “Viagens maravilhosas de Marco Pólo” teve 19 edições (até a anotação da autora). E um de seus juvenis mais conhecidos, “O escaravelho do diabo”, foi publicado na

⁴ São da mesma família, além de Aníbal Machado, Cristiano Machado, Ana Maria Machado, Maria Clara Machado, Ângelo Machado e outros artistas.

forma de folhetim, na revista “O Cruzeiro”, em 1956, e depois reeditado pela Ática, em 1974⁵. Essas são apenas algumas ocorrências da carreira bem-sucedida de Lúcia MA, que também obteve premiações, colunas em revistas e conquistou diversos espaços de publicação e circulação no Brasil.

A despeito das dificuldades da formação leitora no país, Lúcia Machado de Almeida mantém-se na memória popular. Uma pesquisa informal dá conta de que algumas de suas obras, embora nem sempre o seu nome, jamais deixaram de ser lembradas por aqueles que tiveram contato com a literatura infanto-juvenil da autora. A Série Vaga-Lume, da editora Ática, publicada até os dias de hoje, circulou intensamente nos anos 1970 e 1980, principalmente, e ajudou a formar gerações de leitores, especialmente no gosto por textos de mistério e investigação. Lúcia MA era autora de diversos livros dessa coleção, com destaque para “O caso da borboleta Atíria”, “Spharion”, “O escaravelho do diabo” e “Xisto no espaço” (ou a série do personagem Xisto).

Nesse sentido, a autora mineira foi pioneira no Brasil não apenas porque escreveu uma literatura de qualidade, para jovens, mas porque, é claro, era uma mulher. Vale reiterar que Lúcia publicou “O escaravelho do diabo” em 1956, na forma de folhetim, na então famosa revista “O Cruzeiro”. Somente nos anos 1970, a editora Ática reeditou o texto na forma de livro, hoje em sua 27ª edição e ainda um dos mais vendidos⁶.

A força dos títulos de Lúcia Machado de Almeida parece ter se mantido, não apenas porque os livros continuam sendo editados, com repaginação recente, pela editora Ática⁷ (marca forte na edição juvenil e didática brasileira), mas porque os leitores da Série Vaga-Lume, contados em milhões de pessoas, jamais esqueceram as histórias lidas, embora nem sempre possam se lembrar dos nomes de seus autores. É importante, no entanto, considerar uma possível rarefação da “fama” de LMA dado que seu nicho de escrita – infanto-juvenil – sempre foi aceito e reconhecido como um espaço de escrita feminino/feminizado, portanto

⁵ O livro foi adaptado ao cinema e lançado em 2016. A primeira vez que vi algo sobre isso foi na TV, em entrevista de Lourenço Mutarelli a Danilo Gentili. Em momento algum a escritora foi citada como autora do livro. Lamentavelmente, o mesmo ocorreu na imprensa, em notícias sobre o lançamento do filme. O trailer pode ser visto em: <<https://www.youtube.com/watch?v=K53t9lhL498>>.

⁶ Segundo o site da editora Ática (<http://www.atica.com.br/SitePages/Obra.aspx?cdObra=2734>), acessado em 3.10.2015. Para uma análise sobre a série, incluindo os livros de Lúcia MA, considerados relevantes, ver Mendonça (2007).

⁷ Muito embora a editora já não pertença ao mesmo grupo da época. Nesse meio tempo, houve diversas vendas, compras e fusões editoriais no Brasil. Atualmente, a Ática é uma marca do grupo Somos Educação, antigo Abril Educação.

mais distante da concorrência com outros nichos mais “sérios”/masculinos, como a literatura “para adultos”.

Correspondência

Nas cartas⁸ de Lúcia Machado de Almeida, tanto recebidas quanto enviadas, é possível flagrar alguns elementos do funcionamento das redes editoriais, ao longo dos anos de publicação de suas obras. Em meio a cartas de familiares, amigos, conhecidos, fãs; papéis de seda, cartões, fotografias, cartas manuscritas ou datilografadas; correspondências em inglês, francês e português; além de papéis timbrados de importantes instituições brasileiras e estrangeiras, foi possível encontrar alguns comentários sobre a situação editorial brasileira e mineira, especialmente entre os anos 1970-80. Lúcia e seu marido, Antônio Joaquim de Andrade e Almeida, foram personagens relevantes para Minas Gerais e o Brasil, especialmente no que diz respeito à preservação de acervos históricos e à criação de museus. Não por acaso, em abril de 1971, após ser empossado membro da então criada Fundação de Arte de Ouro Preto, Antônio Joaquim pede exoneração do cargo ao governador mineiro Israel Pinheiro, alegando o seguinte (grifos meus):

[...] Não obstante a paixão que me prende ao Estado de Minas Gerais, e principalmente, ao seu inigualável acervo de bens culturais – ao qual me dedico há mais de trinta anos – como representante da D.P.H.A.N. e Diretor do Museu do Ouro de Sabará, tomo a liberdade de solicitar minha exoneração do posto de Conselheiro da Fundação de Ouro Preto. A razão principal que me leva a solicitar minha demissão do referido posto, é a convicção de que não desejo e não posso dar minha colaboração a uma entidade de tão grande expressão do que Minas possui de mais precioso, sem a colaboração efetiva de minha mulher – *a escritora* Lúcia Machado de Almeida – que tem sido, acima de tudo, a inspiradora e colaboradora permanente e incansável de todo o meu trabalho e interesse em relação aos bens culturais deste grande estado.

Na realidade, o fato de os organizadores da Fundação de Arte de Ouro Preto não terem se lembrado de distinguir minha mulher com nenhuma posição dentro dessa entidade - além de constituir um fato de manifesto desapareço **a quem tanto e tão bem se tem revelado no País e fora dêle, como divulgadora, defensora e apaixonada por tudo aquilo que Minas possui de mais valioso e expressivo**, me inibe totalmente de trabalhar numa organização onde mais do que da falta que sentirei da colaboração de minha

⁸ Para uma discussão sobre a importância da correspondência como fonte de pesquisa, ver Bezerra e Silva (2010).

mulher, experimentarei um total e inelutável constrangimento subordinado àquêles que tão clara e injustificadamente manifestaram seu desaprêço à minha companheira de vida e trabalho.

Um suposto cargo que Lúcia poderia assumir, caso tivesse sido reconhecida naquele momento pela Fundação, seria ocupado sem vencimentos, uma vez que, dizia o marido em outro trecho da carta, ela já vinha fazendo isso havia mais de 20 anos. As declarações do marido da escritora causaram-me um misto de admiração e perplexidade, se pensarmos que ele de fato apoiava e reconhecia a esposa como grande escritora e operadora da cultura que era, mas também admitia o trabalho não remunerado, certamente algo que tem relação com as questões de gênero de que vimos recrudescidamente falando, nas últimas décadas. Tal documento de pedido de exoneração, hoje, pode ser visto como revelador da violência simbólica sofrida por Lúcia Machado de Almeida – e muitíssimas outras mulheres, em diversas profissões, à época.

Por “violência simbólica” entendo, com Bourdieu (2011, p. 8),

[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou de uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma [...].

O fato de uma fundação importante não reconhecer em Lúcia Machado de Almeida a candidata a um cargo ligado ao seu trabalho com os museus e a memória do país contrasta com seu reconhecimento como escritora viva, facilmente encontrável nas cartas de amigos como Rui Mourão – então editor do “Suplemento Literário do Minas Gerais”, Pedro Nava, Cecília Meireles – com quem muito se correspondeu, Carlos Drummond de Andrade, Lygia Fagundes Telles, além de Laís Corrêa de Araújo e Affonso Ávila, entre muitos outros.

Além dos convites para colaborações, LMA recebeu correspondências ligadas a conferências, prêmios e à distribuição de seus livros, tal como ocorre a uma carta da editora Brasiliense, em 13 de agosto de 1969, assinada por Yolanda Cerquinho Prado (diretor editorial – carimbado no masculino), que dava a seguinte notícia à autora:

Temos a satisfação de comunicar que seu livro: XISTO NO ESPAÇO nos foi solicitado pela Biblioteca Internacional para Juventude, com sede em München, por indicação de especialistas em livros juvenis, para participarem como os melhores livros do Brasil, na sua biblioteca fixa, e de um catálogo destinado à sala de leitura dos Jogos Olímpicos, exigido por Estocolmo, na Suécia.

Já remetemos o livro.

O pioneirismo de Lúcia era reconhecido e solicitado pela leitora e amiga Maria Aparecida, em texto vindo de Brasília, datado de 15 de dezembro de 1971. Diz a amiga, em longa carta:

Adorei o “Xisto no Espaço”. Agora que andei penetrando, aliás, ainda ando penetrando profundamente na nossa Literatura Infantil fico desanimada ao ver que vivemos de tradução. A maior falha é justamente na parte científica – tanto ficção como real. Estamos precisando muito de você. De duas uma: ou você escreve mais e rápido ou movimente os escritores todos para que escrevam pelo menos dois livros fora da ficção.

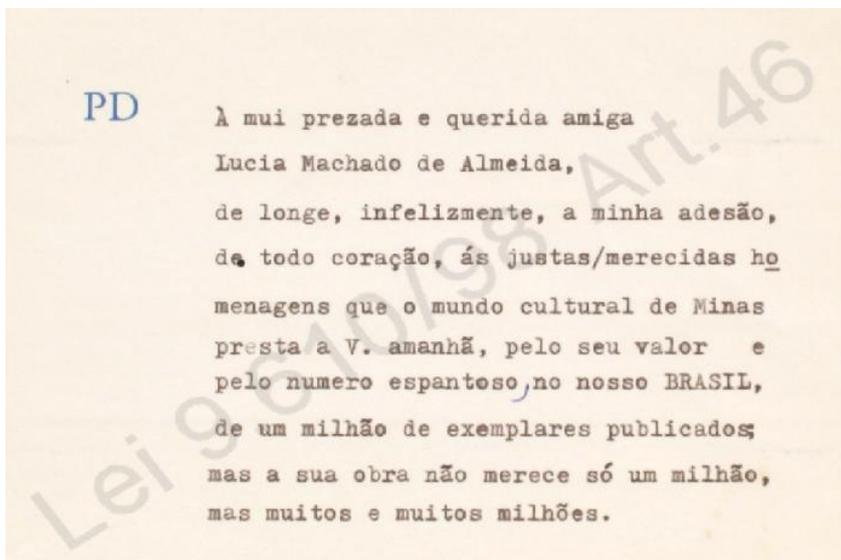
De lá para cá, é claro que houve forte incremento da literatura infantil nacional, mas também ainda “vivemos de tradução”, bastando verificar alguns catálogos de editoras brasileiras atuais e especializadas.

A carta de Maria Aparecida tinha como objetivo principal pedir ajuda a Lúcia sobre um emprego para uma amiga transferida de Brasília para Belo Horizonte. Para fazer a conexão entre as desconhecidas, Aparecida narra:

Para ela identificar você ou ter uma ideia sobre você eu disse: “- Ela escreve para crianças mas é também a autora do “Roteiro de Diamantina””. E ela me disse logo: “- Ah! Já sei!”.

Mario Matos, leitor de Belo Horizonte, em carta datada de dezembro de 1945, elogia a autora pela escrita interessante e a agradece pelos momentos de alegria e diversão ao ler um de seus livros. Isso pode dar uma vaga ideia do que ocorreu a milhares de outros leitores, Brasil afora. É prova disso a existência de cartas em que diversas pessoas parabenizam Lúcia MA por alcançar números de vendas contados em milhões, como é o caso do bilhete de Plínio Doyle (Fig. 1) – importante bibliófilo, um cartão de maior gramatura com suas iniciais, em que é possível ter alguma noção do que já significava – e ainda significa – ter mais de um milhão de livros vendidos no Brasil. O mesmo ocorre à carta de Pedro Nava endereçada à autora, conforme Fig. 2.

FIG. 1. Correspondência de Plínio Doyle a Lúcia MA, em 10 jun. 1986.

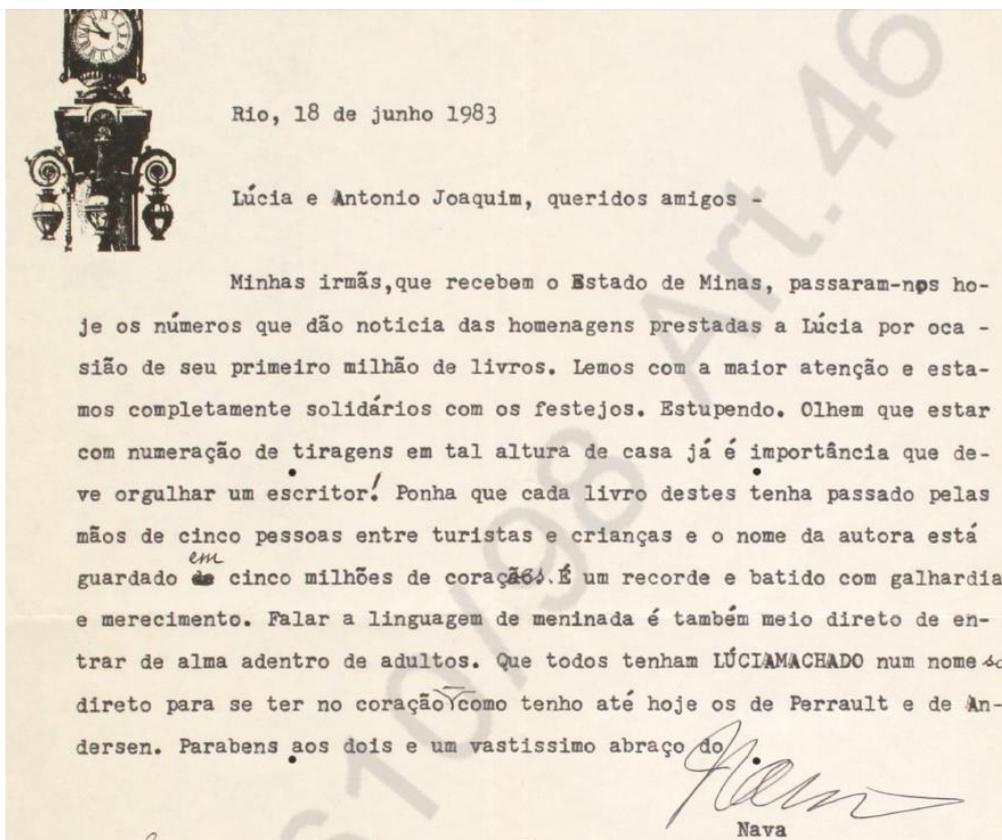


PD

À mui prezada e querida amiga
Lucia Machado de Almeida,
de longe, infelizmente, a minha adesão,
de todo coração, ás justas/merecidas ho-
menagens que o mundo cultural de Minas
presta a V. amanhã, pelo seu valor e
pelo numero espantoso, no nosso BRASIL,
de um milhão de exemplares publicados;
mas a sua obra não merece só um milhão,
mas muitos e muitos milhões.

FONTE: Acervo de Escritores Mineiros, UFMG.

FIG. 2. Correspondência de Pedro Nava a Lúcia Machado de Almeida, em 18 jun. 1983.



Rio, 18 de junho 1983

Lúcia e Antonio Joaquim, queridos amigos -

Minhas irmãs, que recebem o Estado de Minas, passaram-nos ho-
je os números que dão noticia das homenagens prestadas a Lúcia por oca-
sião de seu primeiro milhão de livros. Lemos com a maior atenção e esta-
mos completamente solidários com os festejos. Estupendo. Olhem que estar
com numeração de tiragens em tal altura de casa já é importância que de-
ve orgulhar um escritor! Ponha que cada livro destes tenha passado pelas
mãos de cinco pessoas entre turistas e crianças e o nome da autora está
guardado ^{em} cinco milhões de corações. É um recorde e batido com galhardia
e merecimento. Falar a linguagem de menina é também meio direto de en-
trar de alma adentro de adultos. Que todos tenham LÚCIAMACHADO num nome do
direto para se ter no coração como tenho até hoje os de Perrault e de An-
dersen. Parabens aos dois e um vastissimo abraço do

Nava
Nava

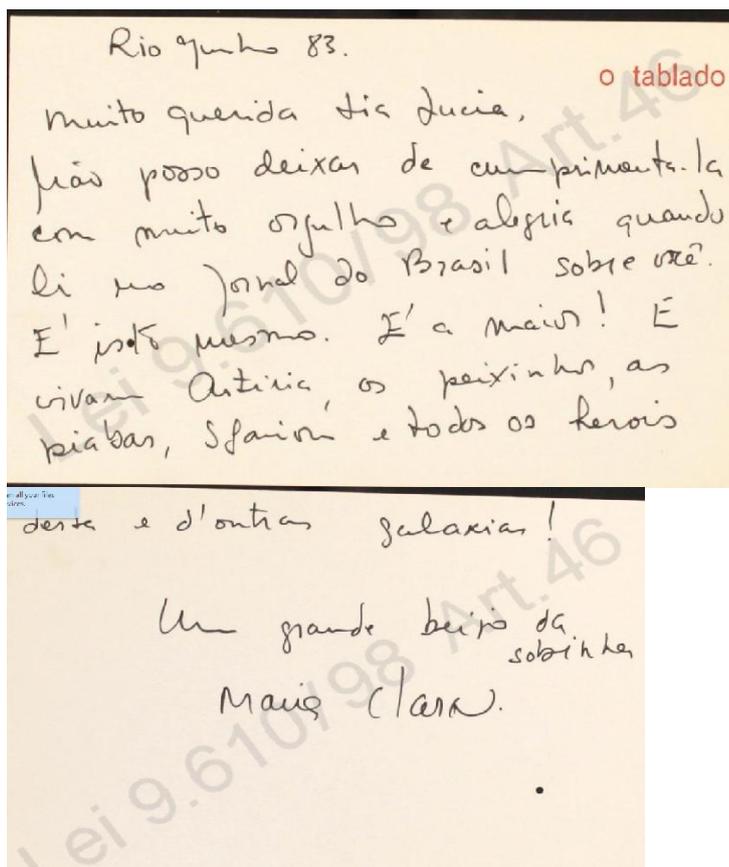
F

FONTE: Acervo de Escritores Mineiros, UFMG.

Valem como reafirmação da importância de Lúcia Machado de Almeida para a edição brasileira, a literatura infanto-juvenil e a história dos livros publicados por mulheres o bilhete de felicitações da sobrinha, mais tarde também escritora de renome, Maria Clara Machado, em que é possível flagrar o alcance nacional da tia, com matéria de homenagem no “Jornal do Brasil” (Fig. 3), além de outros diálogos com Cecília Meireles e Laís Corrêa de Araújo, escritoras suas contemporâneas.

Com menos ou mais demonstrações de intimidade, Cecília e Laís enviam correspondência para parabenizar Lúcia MA a respeito de suas tiragens e do alcance que seus livros têm junto ao público juvenil brasileiro. É de se notar, no entanto, que os números de vendas de obras consideradas juvenis são muito superiores – tal como ainda hoje – aos números da venda de poesia ou “literatura adulta”, que era o que Cecília e Laís produziam.

FIG. 3. Correspondência de Maria Clara Machado a Lúcia MA, em jun. 1983.



FONTE: Acervo de Escritores Mineiros, UFMG.

Lúcia Machado de Almeida escreveu, além dos livros para jovens, de ampla circulação, especialmente quando na série Vaga-Lume, guias sobre cidades históricas mineiras que são, hoje, clássicos⁹. Os convites para colaboração em jornais e revistas feitos a ela diziam respeito, portanto, não apenas ao espaço que ela conquistara como autora “juvenil”, mas também como mulher da cultura no estado e no país.

Lúcia Machado de Almeida e a série Vaga-lume

Muito embora já houvesse obtido sucesso como autora das editoras Melhoramentos e Brasiliense, Lúcia MA teve sua carreira impulsionada e mesmo imortalizada pela publicação de seus livros na Série Vaga-Lume, da editora Ática. Um dos editores da época foi Jiro Takahashi¹⁰, que atua até os dias de hoje no mercado editorial, especialmente em São Paulo, e tem nítidas lembranças sobre as relações estabelecidas com Lúcia e sua obra, nos anos 1960-70-80.

Segundo o então editor da Vaga-Lume, Lúcia foi procurada pela Ática quando do início da série, que obteve sucesso maior do que o esperado por eles. A demanda por mais autores e livros tinha relação com as escolas públicas brasileiras. Segundo Takahashi, a rede pública escolar havia acabado de passar por reforma:

O ensino fundamental, que era obrigatório até a 4ª série, passou a seguir com o antigo ginásio, compondo os oito anos de ensino fundamental obrigatório. Essa reforma quase dobrou o contingente de estudantes de ensino fundamental. O antigo ginásio era, de certa forma, seletivo e até mesmo um pouco elitista. Os meninos que tinham de trabalhar a partir dos 11 ou 12 anos não tinham condições de cursá-lo até o final dos anos 1960. Naturalmente o novo contingente de estudantes que passaram a lotar as escolas de ensino fundamental tinha uma formação muito variada e, de modo geral, de vivência menos intensa com os livros. Sentíamos que era necessário um esforço maior para incentivá-los à leitura.

Lúcia MA foi contatada pela Ática em decorrência de suas publicações na revista “O Cruzeiro”, conforme relata Jiro Takahashi:

Como eu vim de uma pequena cidade do interior paulista, Duartina, onde não havia (nem há) uma livraria ou banca sequer, uma das poucas revistas a

⁹ São eles: “Passeio a Sabará”, “Passeio a Diamantina”, “Passeio a Ouro Preto”, “Passeio ao Alto Minho”.

¹⁰ Entrevista a mim concedida por e-mail, depois de contatos pelo Facebook. Agradeço profundamente a generosidade do editor em enviar seu depoimento, além de alguns arquivos interessantes sobre também o contato com Henriqueta Lisboa.

que tínhamos acesso era “O Cruzeiro”, que íamos buscar na estação ferroviária, comprando os jornaleiros que vendiam jornais e revistas dentro dos trens. Foi no “Cruzeiro”, por indicação de um tio, que li pela primeira vez “O escaravelho do diabo”. Eu me lembrei desse título na hora em que pesquisávamos mais títulos para a série. Voltei a ler, então com a intenção de integrá-lo à série.

Lúcia MA foi contatada pela Ática em decorrência de suas publicações na revista “O Cruzeiro”, isto é, textos que foram editados, conforme relata Jiro Takahashi:

Achei maravilhoso. Mas, juntamente com alguns professores que nos assessoravam, achamos que havia algumas expressões fora de uso e algumas construções que tornavam os diálogos entre as personagens jovens do livro um tanto artificiais. Isso ocorria principalmente com o uso do pretérito mais-que-perfeito simples nos diálogos. Era muito frequente essa construção porque, como se trata de um livro com muita investigação policial, há muitos depoimentos, relatos dos crimes, etc. com o uso dessa forma verbal. Resolvemos discutir essa questão com a Lúcia.

O ótimo trato com a autora é elogiado pelo editor, que menciona uma visita de Lúcia e do marido, Joaquim, à sede da Ática, para resolverem questões editoriais, de texto e assim fixarem contrato.

Com o sucesso do “Escaravelho”, as relações entre a Lúcia e a editora foram se estreitando e, à medida que os contratos dos outros livros, como o “Spharion” e os da série de Xisto, foram vencendo em outras editoras, ela foi trazendo para a Ática para serem integrados à Série Vaga-lume.

Um verdadeiro tesouro em documentos foi sendo guardado, à medida que a editora Ática cuidava da correspondência com autores e dos contratos de cada obra. O relato de Takahashi sobre a documentação relativa aos livros de Lúcia e a muitos outros é comovente:

Em uma época anterior à internet, a maioria dos nossos contatos era feita por cartas. Como elas se referiam a negociações com a editora e a questões relativas à produção dos livros, foram guardadas com os originais dos livros, para irem compondo uma espécie de “museu” da produção editorial da Ática. Na virada do século, quando comecei a dar algumas aulas na Universidade do Livro (Unesp), sobre editoração, fui procurar esse “museu”. Para minha decepção profunda, com tantas reviravoltas que a Ática tinha tido desde o falecimento do seu fundador, Anderson Fernandes Dias, o maior responsável por permitir todo o trabalho que desenvolvíamos na época, com todos os riscos da ousadia (para a época, claro) que cometíamos, principalmente com as altas tiragens e com as relações muito parceiras que mantínhamos com os autores (não posso negar que alguns se agastavam um pouco com a nossa intromissão; entendíamos perfeitamente esse posicionamento e não me lembro de termos forçado algum autor a aceitar a nossa intervenção, que era sempre uma sugestão). A grande maioria dos autores, entre eles, Lúcia, Marcos Rey, Maria José Dupré, Ofélia e Narbal

Fontes, Homero Homem, Jair Vitória, Luiz Puntel, nos agradeciam muito pelo envolvimento da nossa equipe na edição do texto, mesmo sendo literário.

É de se destacar, entre outros elementos importantes desse relato, a relação próxima com os autores, a “ousadia” editorial, tão necessária ao campo da edição, as mudanças educacionais e escolares, em um contexto mais amplo, que terminavam por justificar o empreendimento das editoras de livros juvenis e, é claro, o descuido com documentos tão importantes para a história editorial do Brasil, quando de trocas, fusões e mudanças no mercado editorial. Por essas razões, chego a considerar duas questões: (a) a evidência de que a documentação de uma editora deveria ser resguardada, incluindo-se alguma medida relacionada a políticas públicas; e (b) a escandalosa dependência que as editoras têm em relação às compras governamentais, que vêm de décadas e jamais foram resolvidas¹¹.

Um epílogo

Ao menos três questões foram abordadas neste trabalho, ainda que de maneira insuficiente e não exaustiva: (a) A relevância da escritora mineira Lúcia Machado de Almeida, como mulher das letras e da cultura, para o século XX e depois; (b) A importância das cartas e dos arquivos literários para uma composição da história editorial do Brasil; e (c) a igual importância de posicionarmos devidamente as mulheres no universo dos escritores brasileiros, de ontem, de hoje e do futuro, seja lá em que nicho editorial for.

Do primeiro item, é importante manter acesa a lembrança de uma autora relevante para as letras brasileiras e, especialmente, para a formação de leitores, com inserções na imprensa, nas escolas (poderosa agência de letramento literária) e entre os jovens, ontem e hoje. A contínua reedição de sua obra diz muito sobre o fenômeno conseguido pela autora: agradar tanto as salas de aula quanto o *mainstream*, driblando um discurso segundo o qual “o que vende muito não tem qualidade”. O caso da Série Vaga-Lume merece uma discussão à parte, em relação a isso.

¹¹ Reinaldo Marques (2015) aborda a discussão sobre direito autoral, espaços público e privado e outras questões que tensionam o campo da edição e dos arquivos. Sobre as compras governamentais de livros, ver Stepanenko (1974), que já discutia tal questão.

Já a importância do correto e sério arquivamento de documentos e do acervo de escritores é uma questão relativamente recente no país, merecedora de muito esforço ainda. O esfacelamento dos arquivos da editora Ática, narrado pelo ex-editor da casa, dá ideia de como uma documentação importante pode se perder, se não houver o devido cuidado e a devida educação para a nossa história literária e editorial.

O reposicionamento das mulheres como autoras importantes de nossa literatura é uma frente que ganha força no Brasil, especialmente na academia, por meio de pesquisas que reveem obras esquecidas ou mesmo que já se haviam apagado de nosso horizonte. Lúcia Machado de Almeida é um dos nomes que merecem revisitação, especialmente no campo da literatura infanto-juvenil.

Espero, com este texto, ter contribuído, ainda que de forma modesta, para o incremento desta discussão.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Carlos Eduardo; SILVA, Telma Maciel da. A correspondência entre escritores brasileiros como fonte de pesquisa para os estudos literários e históricos. *Historiæ*, v. 1, n.1, p. 61-74, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10 ed. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de uma história malcontada. *Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, p. 11-17, 1. sem. 2009.
- DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 11 - 19, jul./dez. 2009.
- OLIVEIRA, Luciana Santos de; OLIVEIRA, Luciano Amaral. O silenciamento literário das mulheres brasileiras. *Interdisciplinar*. Ano 5, v. 10, p. 145-156, jan./jun. 2010.
- MARQUES, Reinaldo M. *Arquivos literários*. Teorias, histórias, desafios. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.
- MENDONÇA, Catia Toledo. *À sombra da Vaga-lume: análise e recepção da Série Vaga-Lume*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná, 2007.
- STEPANENKO, Alexis. Recursos humanos na produção e comercialização do livro no Brasil: Problemas e possibilidades de solução. *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 79-86, 1974.

Artigo recebido em março de 2016.
Artigo aceito em maio de 2016.